



HAL
open science

Prefácio. Imagens-rostos, fotos de alteridade

Jean-Luc Moriceau

► **To cite this version:**

Jean-Luc Moriceau. Prefácio. Imagens-rostos, fotos de alteridade. Imagens e alteridades, Fafich/Selo PPGCOM/UFMG, pp.7 - 12, 2019, Olhares Transversais, 978-85-54944-25-4. hal-02279293

HAL Id: hal-02279293

<https://hal.science/hal-02279293>

Submitted on 5 Sep 2019

HAL is a multi-disciplinary open access archive for the deposit and dissemination of scientific research documents, whether they are published or not. The documents may come from teaching and research institutions in France or abroad, or from public or private research centers.

L'archive ouverte pluridisciplinaire **HAL**, est destinée au dépôt et à la diffusion de documents scientifiques de niveau recherche, publiés ou non, émanant des établissements d'enseignement et de recherche français ou étrangers, des laboratoires publics ou privés.

IMAGENS E ALTERIDADES

Ângela Cristina Salgueiro Marques
Frederico Vieira
(Organizadores)



PREFÁCIO

Imagens-rostos, fotos de alteridade

JEAN-LUC MORICEAU

Trechos de Ângela Cristina Salgueiro Marques e Frederico Vieira (Org),
Imagens e Alteridades, Olhares transversais, PPGCOM UFMG, 2019,
disponível a <https://seloppgcom.fafich.ufmg.br/novo/publicacao/imagens-e-alteridades/>

CERTAS IMAGENS nos interpelam, nos obrigam a responder ao seu acontecimento. Em sua estranheiridade, sua nudez, elas parecem nos intimar: “não me reduza a uma coleção de signos! Escute meu Dizer...”. Podemos nomear tais imagens, em referência a Lévinas, de imagens-rostos (*images-visages*). Haveria como que uma falta de sensibilidade, de consideração, na tentativa de decodificá-las, de afirmar autoritariamente o que elas querem dizer, enfim, de tematizá-las.

Muito frequentemente nós utilizamos as imagens como fotos de identidade : elas identificam, autenticam, certificam. Trata-se, nesse caso mais restrito, de analisar as imagens, de mostrar sua construção, não de deixar que elas nos afetem, nos perturbem. Nós as fazemos falar, mas será que nos damos ao trabalho de escutá-las? Talvez, então, poderíamos começar a sentir que essas imagens-rostos se dirigem a nós em uma língua sempre estrangeira, de acordo com um código sempre indecifrável. Mais do que disseca-las, antes de submetê-las à nossas aparelhagens conceituais, deveríamos nos expor diante de seus rostos nus, permitindo que elas nos toquem, nos interpelem por meio de um Dizer original, anterior às legendas ou palavras. Mas então, eis que a proximidade dessas imagens nos impedem de desviar o olhar, nos interdita de seguir tranquilamente nosso caminho. Elas se impõem, nos condenam a responder, nos projetam, por meio de sua sensibilidade, em um mundo que não pode nos deixar indiferentes.

É, sem dúvida, um programa de pesquisa que os autores reunidos neste livro nos propõem, convidando-nos a investigar e a refletir a partir de tais fotos de alteridades. Mas, mais ainda, mais profundamente e mais urgentemente, ao partirem sobretudo da abordagem de Emmanuel Lévinas, que os autores traçam, ou talvez o que eles criam, é uma exigência ética.

A imagem-rostos nos intima a nos aproximarmos, mas ela não nos permite capturá-las. Ela escapa a toda tentativa de captura impositiva, autoritária. Ela excede qualquer projeto de conhecimento, e é justamente por isso que ela nos destitui das coisas e de nós mesmos, tão habituados a conferir razões ao que pesquisamos e observamos. Nós, que estamos habituados a tratar de representações, a explicar, a compreender, a (fingir) saber, somos instados a proceder de outra forma, pois escutar uma imagem-rostos não significa compreendê-la, mas sim criar condições de aproximação, escuta e produção de uma resposta que nos engaja em uma responsabilidade ética. Veremos como César Guimarães nos interpela acerca de como se pode fazer uma pesquisa no campo da comunicação a partir de uma reivindicação levinasiana, de tal maneira que a fenomenologia do filósofo parece se opor ao projeto do conhecimento.

Capturar a alteridade dessas imagens, aprisioná-la em nossos conceitos, nossos modelos, nossas categorias, significa desterritorializá-las violentamente de seu mundo para forçá-las a se encaixar no nosso, perdendo assim provavelmente o que elas têm a nos dizer. Como, então, poderíamos nos aproximar de sua alteridade sem reconduzi-las à enfadonha repetição do mesmo, à identificação e à identidade? Como criar avizinhamentos possíveis sem localizar as imagens sobre um mapa, sem reconhecer somente o que já é, de antemão, conhecido, sem, ao reter o *idem*, deixar escapar o *ipse*? O paralelo com Ricoeur é tentador, pois ele nos preveniu: quando a imagem-metáfora não é mais produtiva, quando ela não produz mais um sentido diferente, ela se torna uma imagem morta. Também é tentador o paralelo com Rancière, que nos ensina a ver que: o que faz o filme de arte é o que acontece quando a imagem (*opsis*) contraria a fábula, quando ela permite uma abertura a uma temporalidade e a uma espacialidade, a um ritmo e a um dizer estrangeiro ao fio da narrativa.

Não nos resta agora mais do que nos aproximarmos dessas imagens com todos os sentidos abertos, pois a questão será tanto aquela do olhar, quanto aquela da escuta e do toque. E, claro, precisamos abandonar o projeto de dominação pelo saber para, em seu lugar, nos dedicarmos a um projeto de conhecimento pela destituição e pela responsabilidade. Isso porque aprender é também, de uma certa maneira, aprender a viver.

Mas o que nos dizem essas imagens ? Os autores são unânimes: não podemos nos prender a um Dito (mesmo se for preciso também saber acolhê-lo, sermos também capazes de escutá-lo). A imagem-rostos é, antes de tudo, um Dizer. Um Dizer que age de maneira próxima a um poema (como nos convence Nilo Ribeiro Júnior). Um dizer polifônico, em que se misturam a voz do fotógrafo, da fotografia, do espectador e daquele ou daquela que é fotografado ou fotografada. Contudo, e isso pode ser uma surpresa, o foco não está no autor (em sua obra, sua trajetória), nem sobre uma arte (uma estética, uma corrente, uma técnica), nem sobre aquele que contempla (emancipado, trabalhando ao refletir, ao tornar-se pensativo diante do que observa). O que comanda é a imagem-rostos, que nos absorve, nos afeta e nos deixa obcecados.

Seria então uma imagem que é rostos, ou será que ela constitui uma cena de aparição do rostos – uma cena de interpelação, como propõem Ângela Marques e Luis Mauro Martino? Se o rostos assim se repete, se ele ganha em extensão, se ele se agencia e assume um suplemento de materialidade na imagem que duplica sua presença ele não perde, contudo, sua transcendência e seu imperativo. Se a imagem parece estar à mercê daquele que a contempla, que poderia capturá-la, machucá-la, cortá-la, retocá-la no photoshop, essa vulnerabilidade não extingue a força do rostos. O suporte mediador parece não enfraquecer a imediaticidade – quase a brutalidade – do contato, da relação sem relação.

É, assim, ao mesmo tempo e de uma só vez, que a imagem se torna rostos, que não se deixa capturar, que desestabiliza o poder de quem a contempla, fazendo-o perder seu poder (e parece colocar a seu serviço o poder do criador da foto). Além disso, a imagem torna próximos vários rostos (algo parecido com a ideia do “revelador”, se nos referirmos a uma tecnologia já antiga), uma vez que o que é interessante é menos a imagem e mais o rostos fotografado. É, sem dúvida, esse movimento de transformação e tradução das imagens que acontece “de uma só vez” que produz a singularidade e a potência dessas imagens-rostos, e que é trabalhada ao longo deste livro.

Salientarei agora um hiato : não é aquele que olha a imagem (o esteta, o pesquisador, o especialista) que define o *punctum*. O espectador pode ter se emancipado da significação imposta pelo fotógrafo, ou pelos dispositivos de poder, mas permanece o fato de que é o rostos que ordena, que perturba todos os sentidos e exige uma resposta. Esse rostos que me olha na fotografia, e tudo o que essa fotografia contém de rostos, não posso trazer para meus temas, impor sobre eles minha maneira habitual de produzir sentido, ou seja, não posso reduzi-los à mim mesmo. O rostos é sempre estranho e

estrangeiro, intrigante inquietante. Sempre já outro, excedendo qualquer tematização, qualquer designação. Frederico Vieira, assim como Thiago Fogolin nos localizam diante desses rostos de moradores de rua em São Paulo, e Ricardo Filho diante das costas-rostos (*dos-visage*) do índio de Ti Tanaru (“o único sobrevivente do último extermínio perpetrado contra sua tribo”). Temos contato com as imagens-rostos feitas por pessoas que fazem parte da população carcerária no relato de Natália Martino. Nos avizinhamos dos habitantes das favelas através do trabalho de Anna Karina Bartolomeu, e do corpo-rostos (*corps-visage*) de uma mulher estuprada nas fotoperformances de Ana Mendieta, estudadas por Angie Biondi. Ao longo da leitura deste livro, será difícil escapar da arqui-presença do rosto ensanguentado e brutalmente machucado da travesti Patrícia, mencionada por Marco Prado, e também do olhar de Gutete Emerita, cujo fulgor de sofrimento e apelo aparece no texto de Ângela Marques e Luís Mauro Martino. Quase impossível deixar de pensar na textualização subversiva, fruto de uma racionalidade diferente que se entrelaça com a potência e a poeticidade da linguagem em Osmar dos Reis Filho e em Carlos de Brito e Mello.

Esses rostos são, antes de tudo, singulares e funcionam como nomes próprios, como diria Lévinas. Eles se exprimem e se endereçam a nós, mais do que representam uma classe, um tipo ou um grupo. Eles afirmam uma irreduzível alteridade. Assim como no caso dos migrantes, eles transportam consigo um mundo, uma história, uma vida. E eis que eles se encontram diante de nós, no complexo processo do “aparecer” de sua alteridade radical e de sua imponente proximidade. Inacessivelmente longe e, ao mesmo tempo, tão próximos. É essa proximidade paradoxal de algo que está além, essa presença de algo inacessível, que coloca em movimento nossa necessidade de prover uma resposta. Se esses rostos nos trespassam inicialmente por um terrível efeito de sideração, a resposta requer que não os coloquemos à distância, que não os rejeitemos, empurrando-os para um outro mundo, ou um terceiro mundo. Responder ao rosto significa acolhê-lo e manifestar consideração e hospitalidade (aqui retomamos a oposição entre as noções de siderar e considerar, feita por Marielle Macé, e à qual alguns dos autores desta obra se valem para produzir suas reflexões).

Não se trata de tentar compreender (o que ainda seria uma captura), mas de aceitar a proximidade, o valor e o direito de ser que o outro define como sua forma de vida e que exige uma resposta. Tal resposta seria, talvez, um agir, mas é minimamente um gesto de questionar-se e de transformar-se: um colocar em movimento. Ao mesmo tempo, implica um questionamento de nosso saber e de nosso lugar, uma rachadura em nossa segurança e em

nosso direito de ser. À qual centro pertencem em relação a esse rosto que estaria em uma periferia? De qual maioria participo em relação a esse rosto que seria minoria? De que forma meus pensamentos, minhas palavras, minhas ações, minhas propriedades podem lesá-lo?

Nesse sentido, a imagem-rosto nos desterritorializa. Nos coloca diante de uma outra forma de vida. Trata-se, claro, de reconhecer e de aprender a pensar com os conceitos do outro que nos dirige seu rosto, como destaca Viveiros de Castro, citado por Nilo Ribeiro Junior. Contudo, a imagem-rosto é sem conceito. O que ela nos mostra é mais um conjunto de afetos e de perceptos, confusos, imperiosos, inesquecíveis. E ela parece demandar impacientemente uma resposta. A imagem-rosto fala no imperativo. Se ela desafia nossos conceitos, ela também nos apresenta o desafio de responder ao outro. Ela nos desestabiliza, mas, ao mesmo tempo, nos convida a oferecermos o melhor de nós mesmos: a responsabilidade, a hospitalidade, a sensibilidade, a inteligência, o tato. Ela se relaciona com a paternidade ou com a maternidade: permite o nascimento do sujeito, do pensamento, da dignidade e da responsabilidade. E o que nasce irá, bem depressa, além de sua iniciativa.

É, portanto, uma aventura epistemológica que esse livro realiza, mas ele aponta, sobretudo, para uma ética da pesquisa com as imagens. Para Lévinas, a ética é a filosofia primeira. O encontro com o rosto define um novo começo. Antes do ser, há o outro, que questiona meu lugar ao sol. O outro frustra minha tentativa de conhecimento. Devo responder antes de questionar. Diante do outro, trata-se mais de aprender do que de compreender. Entretanto, a questão do conhecimento vem em segundo lugar: em primeiro deve estar a proximidade com o outro existente.

A imagem-rosto nos coloca diante do prisioneiro, do indígena, da mulher violentada, da vítima do genocídio, da travesti espancada, não para, em primeiro lugar, aumentar um suposto estoque de conhecimento. Mas para nos colocar diante de condições humanas, de condições que nos habilitam a dar origem a um pensamento, a uma ética. Dito de outro modo, para nos colocar diante de uma alteridade radical, contra nossa impressão de já saber, de já conhecer e dominar tudo aquilo que se refere a ela. O pesquisador, assim, não é mais aquele que sabe, que interroga, que produz o conhecimento – em vez disso, ele é aquele que humildemente deseja aprender com aqueles rostos que gritam para não reduzi-los e não aniquilá-los, que exigem uma resposta. Ele se compromete a testemunhar e se compromete novamente a pensar e refletir a partir desse encontro.

Trago aqui, rapidamente, dois exemplos de autores que podem nos abrir caminho nesse percurso que se forma no encontro com a alteridade. Alphonso Lingis traduziu para o inglês um conjunto de livros de Lévinas. No momento de sua aposentadoria, esse ex-professor estado-unidense de ética parte em viagem para encontrar aqueles que lhe parecem os mais estrangeiros: grupos de resistência na Nicarágua, aborígenes australianos, índios que vivem na Amazônia, ex-Khmers Vermelhos (seguidores do Partido Comunista que governou o Camboja entre os anos de 1975-79) por ocasião de seu julgamento, crianças delinquentes e policiais no Rio de Janeiro, rostos das estátuas da Ilha de Páscoa...A maioria de seus textos se iniciam pela fotografia de uma pessoa com a qual ele se encontrou. Uma imagem-rostos. E o texto narra o que Lingis aprendeu nesse encontro, não um elemento de saber ou uma teoria, mas um insight, uma atitude, uma força de vida. Ele propõe elementos de uma ética que vem desses encontros com outros rostos. Uma ética minoritária, que nunca se fecha em um sistema, pois o encontro seguinte provocará um novo aprendizado de vida, um novo começo de pensamento.

Segundo Jean-Luc Nancy, as imagens possuem uma pele e a fotografia é tátil. Ela permite aproximar, tocar e explorar a superfície, os revestimentos, a pele, os traços. Mas, sob esse toque, a coisa e a abordagem se retraem. Enquanto a pintura dispõe e compõe a coisa, a fotografia somente se aproxima e mostra sua aproximação, deixa depositar, toca suavemente e se retira. Essa abordagem, que não podemos reter, já é, contudo, rica em aprendizados. A partir dessa aproximação e desse toque, a questão que nos é apresentada seria como saber se um pensamento está em vias de nascer ou de morrer. Será que esse pensamento que surge na aproximação abre os sentidos, os expõe ou tenta aprisioná-los e impor-se sobre eles?

Eis, sem dúvida, o que nos propõe esse livro. Não uma maneira de analisar ou de fazer as imagens falarem. Não uma maneira de compreender sua alteridade. Ele nos convida a nos aproximarmos dessas imagens-rostos, a não conceder precedência nem ao criador, nem à estética, nem àquele que contempla e nem ao pesquisador. Ele nos impele a considerar primeiramente o que a imagem contém de rostos, a querer aprender a partir desse encontro, a se deixar invadir pelos afetos e tentar novos começos de pensamento. Mas, sobretudo, na proximidade de outras condições humanas, esta obra nos convoca a sentir uma responsabilidade: aquela de testemunhar, de transmitir, talvez de agir... uma responsabilidade de aprender a viver.